

## TI Karipuna: cercada pelo agronegócio e reatingida pelas hidrelétricas no rio Madeira

O Território Karipuna, situado entre o município de Nova-Mamoré e de Porto Velho, no estado de Rondônia é testemunha de desfiguramentos contínuos produzidos pelo agronegócio como se vê na figura n.1. O retrato desta política de extermínio histórico se expressa também no quantitativo dos remanescentes deste povo, contando com cerca de 60 integrantes. A TI que virou uma pedra no caminho desta expansão predatória da fronteira agrícola, vem sofrendo os efeitos da expansão de outra fronteira em expansão, a fronteira hidrelétrica com seus reservatórios em expansão horizontal. O rio Jacy Paraná que deu sentido e abrigo para os Karipuna, às margens do qual firmou-se sua aldeia principal, foi repentinamente alagada entre sexta-feira última e o sábado (dias 18 e 19 de março de 2023).

O caso agudo, neste momento, é da TI Karipuna e de sua aldeia Panorama (Figuras n. 01 e 02). As águas subiram de forma rápida gerando a inusitada situação de um povo indígena desabrigado em seu próprio território, atingido não por uma cheia natural, mais uma cheia induzida e administrada por concessionárias privadas de geração elétrica (Odebrecht e Suez). O acesso por meio terrestre está interditado e o acesso fluvial precisa se dar de outros pontos de acesso. Os órgãos estadual e municipal de Defesa Civil precisam atuar de forma emergencial para garantir suprimento de alimentos, água potável, medicamentos e retirada e pessoas enfermas em situação crítica. A FUNAI, a ANA e a ANEEL precisam definir as reparações devidas e responsabilizar os agentes econômicos que estão se beneficiando diretamente com tais danos, ao produzir energia com cota máxima, extravasando as bordas laterais dos reservatórios.

Figura n. 01: Rio Jacy Paraná afogado pelo reservatório da UHE Santo Antônio



Foto André Karipuna, março de 2023

Figura n. 02: Aldeia Panorama alagada pelo braço estendido do reservatório de Santo Antônio



Foto: André Karipuna, março de 2023

Depois de seguidas invasões de madeireiros, garimpeiros e grileiros, os Karipunas sofrem agora o acosso de águas invasoras. É preciso deter este genocídio operacionalizado em diversas dimensões. O Ministério dos Povos Indígenas, em coordenação interministerial, precisa coordenar um mutirão de ações no território para que continue a pulsar. É preciso proporcionar garantias imediatas pelo direito de existir do povo Karipuna.